

Skate na escola: uma proposta a partir dos alunos, um desafio para o professor.

Carlos Alberto Oliveira Gomes

Escola da Prefeitura de Guarulhos Clementina de Jesus

O seguinte trabalho relata o desenvolvimento da manifestação corporal ‘skate’, abordada no primeiro semestre de 2015 na Escola da Prefeitura de Guarulhos Clementina de Jesus.

Esta escola apresenta peculiaridades que não atraem um professor de educação física preocupado com uma estrutura física dita “adequada”, especialmente para a realização das vivências práticas.

Não considero, nesta etapa atual da minha formação, que este seja um limitador para o desenvolvimento das aulas de educação física, mas aqui se inicia o primeiro desafio: como desenvolver vivências significativas aos alunos em uma escola sem quadra, sem pátio e com um espaço que, resumidamente, podemos definir em um primeiro olhar sem condições estruturais para práticas de educação física?

Apesar da proposta de trabalho ter se concretizado em 2015, desfrutei da oportunidade de trabalhar nesta escola também no ano anterior, 2014, o que facilitou e ampliou as possibilidades de aprofundar os diálogos com os alunos do 4º ano C em 2015, turma foco deste relato. Considero que os frutos colhidos junto a estes alunos devem-se ao fato do acompanhamento de dois anos, raridade na conjuntura de atribuição na rede de ensino de Guarulhos em que o professor participa da atribuição de aulas todo o início de ano e conseqüentemente, muitas vezes não permanecendo na mesma escola, o que impede dar continuidade ao trabalho que vem sendo realizado¹.

O ano de 2014: um breve resumo para entender o contexto

Neste primeiro ano de trabalho desenvolvi junto aos alunos uma análise de dois temas: Futebol e Capoeira. O primeiro tema foi escolhido tendo em vista a relevância da

¹ Este não é o foco deste trabalho, mas vale a citação da mesma, para reforço dos resultados alcançados.

Copa do Mundo de Futebol, período histórico para estes alunos, o segundo tema deu-se a partir de uma escolha coletiva entre duas turmas da escola - o 3º ano C e o 5º ano B, em que realizamos uma votação dentre diversos temas sugeridos pelos próprios alunos, na qual capoeira foi a eleita e foco de nossa análise no segundo semestre.

O retorno para a escola em 2015

Em 2015 retornei à escola com uma convicção: fazer com que o processo de ouvir os alunos ganhasse traços significativos para os mesmos, afinal, se não tivéssemos construído esta prática no passado não teríamos estudado capoeira.

Neste contexto, ao proporcionar o planejamento e organização das aulas a partir de temas que partam da realidade e interesse dos alunos, ampliamos as possibilidades de garantir que façam suas próprias escolhas, tendo em vista que estes devem ser os principais protagonistas do ambiente escolar, mesmo que o tema que surgisse fosse desafiador, tendo em vista a estrutura física da unidade escolar.

O processo de escolha do tema

Na primeira aula do ano letivo solicitei que cada aluno escrevesse um texto, neste deveria conter temas que poderíamos estudar nas aulas de educação física e os porquês desta escolha. Este levantamento mostrou uma amplitude de manifestações corporais conhecidas e vistas como possibilidade de estudos para os alunos.

A leitura de todos os textos construídos me surpreendeu, pois, esta ferramenta de análise e democratização da construção do nosso planejamento desafiou a olhar para as crianças e perceber seus anseios para nossas aulas. Assim, na aula seguinte apresentei o cenário de proposta:

- Skate;
- Muay Thai;
- Kung Fu;
- Ballet;
- Boxe;
- Futebol Americano;
- Basquete;
- Brincadeiras Diversas.

Em votação selecionamos dois dos temas descritos acima para estudo: skate para o primeiro semestre e brincadeiras diversas para o segundo.

De fato, desenvolver um processo de escolha de temas de forma democrática não é fácil, porém nesta etapa da minha formação tornou-se ferramenta para potencializar a participação dos alunos na sistematização do trabalho, descentralizando o planejamento e organização das aulas, que antes eram focados apenas no professor.

Atuar na Rede Municipal de Guarulhos tem algumas peculiaridades, uma delas é ter apenas uma aula de cinquenta minutos por semana com cada turma, com base nesta realidade procurei organizar o nosso planejamento semestralmente, assim ampliamos o tempo de estudos para cada manifestação corporal.

Então, vamos ao Skate!

Desenvolver estudos sobre skate nesta escola instituiu um desafio que considero inicialmente de fator limitador: a realização das atividades em um espaço considerado inadequado, já que a escola não possui quadra, pátio ou outro espaço apropriado para prática de atividades físicas, limitando-se a uma pequena área coberta por cimento seguida por outra área coberta por terra.

Outro ponto importante do trabalho foi superar a desconfiança do grupo escolar (gestão e professora) em um primeiro momento sobre como se dariam as práticas em um espaço tão limitado, acrescido da novidade de estudarmos um tema que não é recorrente dentro do espaço escolar, para isto tornou-se necessário *descolonizar o currículo*², pois determinadas práticas sempre foram hegemônicas dentro do espaço escolar

Encontrei todo apoio da gestão escolar e a professora da sala de aula foi uma parceira de extrema importância para o sucesso do trabalho, mas no primeiro olhar das mesmas não haviam grandes possibilidades de vivência, isto superou-se no dia a dia de cada aula.

Não sou skatista e pela primeira vez desenvolvi análises sobre skate com alunos do fundamental I. Por isso ser pesquisador da minha prática docente foi de extrema importância para ampliar as minhas próprias concepções da área, sobre os temas a serem estudados com os alunos e a didática desenvolvida.

Iniciei o trabalho com o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a modalidade. Como processo inicial desenvolvi em roda de conversa questionamentos

² Busca questionar o currículo historicamente construído (colonizado) do componente.

para compreender as concepções dos alunos sobre o skate e suas expectativas de aprendizagem. Ao dialogarmos foi perceptível que a manifestação corporal:

- Está presente no cotidiano dos meninos;
- A maioria dos alunos escolheram o tema pela curiosidade de vivenciá-lo;
- Parte do grupo não reconhece que o skate pode ser praticado pelas meninas;
- Grande anseio pela vivencia com expectativa de dominar a prática.

Para complementar esta primeira etapa solicitei aos alunos praticantes da modalidade, que trouxessem seus skates na próxima aula.

Na aula seguinte os alunos trouxeram dois skateboardings, o professor um longboarding, um skate de dedo e um skate tubarão (sem nose e sem tail). Com estes em mãos dialogamos sobre a percepção do grupo para os elementos que compõem sua estrutura, modalidades dos diferentes skates, tipos de skates, como se equilibrar, a sua história, entre outras curiosidades. Posterior ao término desta conversa partimos para as primeiras vivências, foram pouquíssimos minutos, mas significativo para os alunos.

A partir desta discussão inicial elenquei as seguintes expectativas de aprendizagens:

- Compreender a manifestação skate fazendo diversas leituras sobre o mesmo;
- Interpretar e vivenciar os diversos movimentos que compõem o skate: andar de skate, bases e manobras;
- Ressignificar e ampliar as diversas formas de andar de skate;
- Analisar a sua história;
- Compreender as modalidades do skate;
- Aprofundar as discussões em torno dos diversos marcadores sociais que estão inseridos no mesmo, como: as mulheres e preconceitos com os skatistas.

Com a finalização destas análises os alunos estavam ansiosos para dar continuidade ao processo de vivências, foi acordado que na semana seguinte continuaríamos com o processo.

Na aula subsequente os alunos trouxeram novamente seus skates e de forma muito intrigante, não se limitaram às questões do espaço físico como eu havia imaginado. Em todos os espaços, até mesmo na área de chão de terra, haviam crianças brincando de skate. Os alunos se organizavam para que todos pudessem experimentar os skates. A vivência se deu de diversas maneiras: deitados, sentados, em pé apoiados pelas mãos por outros alunos e propriamente como praticam os skatistas, com remadas e algumas manobras.

Nesta aula percebi que, apesar de conhecerem como se anda de skate na forma culturalmente constituída (em pé, com remadas), os alunos buscaram desde as primeiras aulas práticas, *ressignificar* suas vivências, e apesar de analisarmos esta questão nas discussões posteriores, sempre procurei oportunizar que os alunos construíssem suas formas de experienciar a partir de diversas possibilidades para não limitar uma única construção³.

Para que pudéssemos iniciar a *ampliação e aprofundamentos*⁴ dos estudos sobre o tema iniciamos algumas discussões. Na primeira delas analisamos as partes que compõem um skate, para isto solicitei a três alunos do grupo que são praticantes da modalidade para que fizessem as explicações e respondessem algumas questões elaboradas pelo grupo, as perguntas que os educandos tinham dificuldades em responder eu auxiliava complementando suas respostas quando necessário.

Esta roda de conversa não se limitou somente a análise da estrutura do skate, ampliando-se a questionamentos sobre: prática, demonstração de remadas e posicionamentos dos pés na prancha.

Os alunos que são praticantes estavam sempre junto ao grupo, auxiliando aqueles que gostariam de aprender a andar em pé e com remadas.

Na sequência continuamos os estudos sobre as modalidades que compõem o assunto, utilizei alguns vídeos referentes a: mega rampa, vertical, bowl, mini rampa, freestyle, street e downhill. Os vídeos estimularam discussões sobre a existência de diversas possibilidades e formas de praticar o skate.

A discussão tomou proporção neste momento de ampliação e aprofundamento, quando a sala estava assistindo a modalidade downhill. Este vídeo exibia mulheres que o praticam, na assistência deste, foi possível identificar o posicionamento dos meninos perante as skatistas. Falas como: “Mentira, não é menina!”; “Como pode uma mulher fazer isso?” Entre outras falas que parecem sutis, mas com relevância que me levaram a *tematizar*⁵ a questão de gênero no skate, realizamos uma breve discussão neste momento já que na semana seguinte havíamos combinado de realizar uma aula prática.

Introduzir discussões de gênero no skate foi outro grande desafio, pois iniciar este diálogo com alunos de 4º ano seria uma novidade para a minha prática docente.

³ A ressignificação procura trazer novos sentidos as práticas corporais culturalmente constituídas, os alunos constroem outros sentidos referente a mesma.

⁴ Ampliar e aprofundar é conhecer mais afundo os conhecimentos pertencentes a prática corporal

⁵ Tematizar significa compreender as práticas corporais questionando suas relações de poder.

Contudo, os comentários da aula anterior foram como um estopim para falas que estavam silenciadas. As meninas começaram a reclamar que os meninos as consideravam ruins para andar de skate, falas como: “A aluna X parece homem tentando andar”; “As meninas nem conseguem andar sozinhas”, etc. Neste momento parei a aula para compreender tais comentário e entender os motivos, procurei enfatizar que todos devem ter a mesma oportunidade para vivenciar as diversas práticas corporais e que em muitas situações isto é negado as meninas, fazendo com que algumas delas ainda tenham dificuldades.

Outro desafio surgiu quando duas alunas da sala relataram a solicitação de seus pais para que não andassem de skate na escola, ocasionando o seguinte diálogo:

Professor: *“O que vocês responderam para os seus pais?”*

Aluna: *“Que as meninas também podem andar de skate e que as meninas da escola também andam.”*

Professor: *“E que os eles responderam?”*

Aluna: *“Que não deveriam andar porque é perigoso e que skate é para meninos, também falei para eles que você mostrou um vídeo em que meninas andam de skate, sim.”*

Perante estes cenários, *problematizar*⁶ estas questões seriam essenciais para a aprendizagem dos alunos, para assim superarmos determinados preconceitos. Como suporte para esta discussão utilizei outros dois vídeos que tratam sobre mulheres no skate. O primeiro chama-se “Divas skateras parte 1”, este demonstra garotas que fazem manobras em diversos locais como ruas, praças, pistas, campeonatos, entre outros. O segundo vídeo, “Mulheres Skatistas”, é uma entrevista com duas skatistas que relatam suas histórias com a modalidade; em umas desta falas uma delas traz um breve relato da negativa de seus pais para com a prática da manifestação.

Ao término dos vídeos, fizemos um debate registrando alguns pontos:

- O skate é mais praticado entre os homens;
- É popular entre as mulheres;
- Existe preconceito;
- Campeonatos para as meninas;
- Pouco apoio para as meninas;

⁶ Problematizar possibilita o questionamento dos pensamentos, gestos e ações aparentemente naturais e inevitáveis, fazendo com que os/as alunos/as discutam e analisem com profundidade os mecanismos atuantes de dominação e resistência das práticas corporais.

- Mal visto;
- Relacionaram o fato do skate ser uma brincadeira de rua presente para os meninos, sendo que as meninas brincam menos na rua.

Tendo em vista os aspectos observados desde as aulas anteriores propus aos alunos a construção de um questionário para que pudéssemos perceber como as pessoas próximas a eles viam as meninas skatistas, assim surgiram estas cinco questões:

- 1- Você acha que as meninas podem ter a oportunidade de andar de skate?
- 2- O que você acha do skate?
- 3- Você acha que apenas os meninos podem andar de skate?
- 4- Você acha que as pessoas têm preconceito com as meninas que andam de skate?
- 5- Qual a sua impressão ao ver uma menina andando de skate?

A ideia deste questionário seria confrontar discursos diferentes, percebendo os diversos olhares dos entrevistados sobre as meninas skatistas. Neste momento estava muito cuidadoso com as reverberações desta atividade. Por esse motivo dialoguei com a coordenadora pedagógica da escola para que esta estivesse ciente de alguns pontos que poderiam ser negativos perante as famílias das crianças, porém, este receio não se concluiu, e na semana seguinte obtive as respostas dos alunos.

Parte dos familiares não se importam que as meninas andem de skate, uma outra parcela acredita que é uma atividade voltada a meninos e enxergam determinada marginalidade, assim como, observar meninas andando de skate causa estranheza.

Estes dados foram demonstrados aos alunos em dois momentos distintos, um inicial em roda de conversa com diálogos sobre a atividade e a compreensão da experiência que os mesmos possuíam ao ouvir o outro sobre o assunto, o segundo momento efetuou-se a partir da análise e leitura dos questionários pelo professor, desta maneira tornou-se possível uma percepção detalhada das informações coletas.

A atividade descrita acima proporcionou uma discussão significativa aos alunos, o processo de pesquisa elaborado coletou dados concretos que nos possibilitou compreender alguns fatores de concepções sobre as skatistas. A reflexão proporcionou aos alunos a construção de posicionamentos que superam o senso comum e os posicionam a entender tais fatos a partir da realidade vivenciada.

Em continuidade a este processo acreditei que seria interessante o diálogo dos alunos com uma skatista, a partir desta ideia conversei com a coordenadora da escola. Solicitei

uma skatista por achar fundamental e necessário aprofundar os diálogos sobre as mulheres no skate.

Na comunidade não havia conhecidas, “*mas em outra escola da rede tem uma coordenadora que anda de skate*”, afirmou a coordenadora, de pronto solicitei um contato para que a mesma pudesse vir a escola dialogar com o alunos.

No decorrer da semana seguinte a coordenadora skatista confirmou a sua presença e compareceu a escola, munida de seu skate e disponível a compartilhar suas experiências com os alunos.

Ao início da aula comuniquei aos alunos que teríamos uma visita e que faríamos uma roda de conversa em formato de entrevista para ampliarmos nossas compreensões sobre o skate, da mesma forma solicitei que algumas das perguntas realizadas poderiam ser do questionário da atividade anterior.

A chegada das crianças na parte externa da escola, espaço em que nossa entrevistada nos aguardava, houve grande surpresa quando uma mulher estava fazendo suas manobras, as crianças à cercaram já fazendo algumas perguntas, de pronto a mesma iniciou a organização do bate papo.

Muitas perguntas foram realizadas, mas o destaque deu-se nas questões do questionário, diante disto, os significados das respostas dos familiares receberam novas afirmações e negativas, a partir de uma pessoa que vivencia a prática diretamente com suas conquistas e dificuldades. No fim do nosso dialogo os alunos solicitam que nossa skatista fizesse algumas manobras para apreciação de todos.

O término dos nossos estudos deu-se posteriormente a esta aula, em razão de que, usufrui de licença paternidade e na sequência recesso escolar, este ponto ressaltado devido ao fato de não organizar nenhum processo avaliativo posterior a esta atividade tão expressiva.

Processos avaliativos foram realizados no desenvolvimento das análises: rodas de conversas, registros dos alunos, observação de cada aula com registros do professor, retorno aos planos de aula para reorganização dos processos de cada aula.

Outro ponto de relevância que poderia ser ampliado são os registros dos alunos, este pouco explorado e de importância significativa para os processos avaliativos.

Considerações finais

O trabalho obteve traços significativos, os alunos apenas não aprenderam a andar de skate, mas construíram outras e novas possibilidades frente ao mesmo, exemplo quando problematizamos as mulheres no skate.

As crianças também ressignificam a sua prática e não se limitaram as construções culturalmente construídas.

Estudamos as modalidades e os pontos históricos, esperando que os educandos compreendam as trajetórias que os fazem acessar o skate.

O destaque da proposta são os alunos, uma vez que o processo de escuta sobre as expectativas de aprendizagens, a participação nas aulas, os questionamentos, a disponibilidade de ofertarem seus skates para oportunizar ao grupo as experiências de vivência, isto os tornaram participantes direto na construção do trabalho, sem a participação coletiva e sem as parcerias com o grupo escolar, o trabalho não seria possível, apresento este ensaio graças e para estas pessoas tão significativas para a minha prática docente.

Referência bibliográfica

Neira, M. G.; Nunes, M.L.F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo. Phorte. 2009.